

Refugiadas mostram força e buscam vida nova no Brasil



A saga feminina de recomençar no Brasil

As mulheres se tornam cada vez mais presentes no contingente de refugiados e migrantes que pedem abrigo no Brasil. Durante 30 dias, o **Correio** acompanhou a rotina de estrangeiras que frequentaram programa de qualificação da ONU

■ MAYARA SOUTO

Mudar de vida, conseguir um emprego, fugir da miséria, da violência, do preconceito. São muitas as razões que levaram 710 mil refugiados e migrantes a pedir acolhida no Brasil. Nos últimos anos, esse contingente vem ganhando um rosto mais feminino. E cada vez maior o número de mulheres que se despedem de seu país natal para tentar a sorte no Brasil. Os dados, aos quais o **Correio** teve acesso, são referentes a 2023, foram compilados pelo Serviço Jesuíta de Migrantes e Refugiados (SJMR).

A sala de aula é um intercâmbio de culturas. Estrangeiras provenientes de países como Venezuela, Haiti, Cuba, Costa do Marfim e Paquistão estudam técnicas de atendimento e vendas, curso oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Por diferentes caminhos, elas chegaram ao Brasil com o desejo de encontrar novas oportunidades de vida — e dignidade. “Basicamente, (sai) pela ditadura que há no meu país. Está tudo mal. Não há comida, ou seja, nada. E tudo que tem é extremamente caro. Então, (a mulher) jamais vai poder ter nenhum empreendimento, nem trabalhar, nem nada. Ou você entra no governo e começa a trabalhar com eles, ou, sinceramente, você tem que ir embora”, desabafa a venezuelana Jennifer Navegas, 44 anos, sobre o motivo de deixar o país natal em 2016.

Com a redemocratização, o Brasil passou a ser mais receptivo a refugiados e migrantes. Em 1997, o país criou a Lei Brasileira de Refúgio. Outro importante marco de facilitação foi o Visto Humanitário, a partir de 2012. Em seguida, em 2014, o país liderou a criação de uma política para refugiados na América Latina.

“É uma legislação sempre muito elogiada nos fóruns internacionais. Uma lei que, por um lado, respeita a Convenção de 1951 da ONU, mas também incorpora outros instrumentos importantes regionais, como a Declaração de Cartagena. A questão da grave violação de direitos humanos ser enquadrada como refúgio, por exemplo, é algo que vem de Cartagena”, explica Paulo Sérgio de Almeida, oficial de Meios de Vida e Inclusão Econômica do Acnur.

Essa resolução foi essencial para lidar com a crise humanitária na Venezuela, que refletiu na saída de venezuelanos para procurar asilo, principalmente, em três países latino-americanos: Brasil, Colômbia e Equador.

O estudo revela, ainda, que os pedidos de refúgio feitos por mulheres aumentaram de 10% (2013) para 45% (2022). E as solicitações de residência permanente no país, feitas por migrantes mulheres, também apresentaram acréscimo — de 34% (2013) para 43% (2022).

Empoderamento

Durante um mês, o **Correio** acompanhou o cotidiano de refugiadas e migrantes em Brasília. Elas participaram do projeto Empoderando Refugiadas, que busca proporcionar autonomia financeira, por meio da qualificação profissional. A iniciativa também é promovida em Curitiba e

Boa Vista pela Acnur, pela ONU Mulheres e pelo Pacto Global da ONU no Brasil. Na capital federal, ela é implementada pelo Serviço Jesuíta de Migrantes e Refugiados (SJMR).

São muitas as razões que levaram 710 mil refugiados e migrantes a pedir acolhida no Brasil. Nos últimos anos, esse contingente vem ganhando um rosto mais feminino. E cada vez maior o número de mulheres que se despedem de seu país natal para tentar a sorte no Brasil. Os dados, aos quais o **Correio** teve acesso, são referentes a 2023, foram compilados pelo Serviço Jesuíta de Migrantes e Refugiados (SJMR).

A sala de aula é um intercâmbio de culturas. Estrangeiras provenientes de países como Venezuela, Haiti, Cuba, Costa do Marfim e Paquistão estudam técnicas de atendimento e vendas, curso oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Por diferentes caminhos, elas chegaram ao Brasil com o desejo de encontrar novas oportunidades de vida — e dignidade.

“Basicamente, (sai) pela ditadura que há no meu país. Está tudo mal. Não há comida, ou seja, nada. E tudo que tem é extremamente caro. Então, (a mulher) jamais vai poder ter nenhum empreendimento, nem trabalhar, nem nada. Ou você entra no governo e começa a trabalhar com eles, ou, sinceramente, você tem que ir embora”, desabafa a venezuelana Jennifer Navegas, 44 anos, sobre o motivo de deixar o país natal em 2016.

Com a redemocratização, o Brasil passou a ser mais receptivo a refugiados e migrantes. Em 1997, o país criou a Lei Brasileira de Refúgio. Outro importante marco de facilitação foi o Visto Humanitário, a partir de 2012. Em seguida, em 2014, o país liderou a criação de uma política para refugiados na América Latina.

Essa resolução foi essencial para lidar com a crise humanitária na Venezuela, que refletiu na saída de venezuelanos para procurar asilo, principalmente, em três países latino-americanos: Brasil, Colômbia e Equador.

Ed Alaver/CB/DA Press



Manise, Nádia, Jennifer e Hilda participaram do programa Empoderando Refugiadas: resiliência e esperança de um futuro melhor no Brasil

Depoimento

Hilda Guzmán, 67 anos, venezuelana

Ed Alaver/CB/DA Press



O medo de ver a neta sem leite nem fraldas, por causa da crise de abastecimento nos supermercados, levou Hilda Guzmán, 67 anos, a encorajar o filho e a nora grávida de 8 meses

a saírem da Venezuela, em 2019. Um ano antes, junto com outro filho, ela deixou o país onde viveu por mais de seis décadas, em direção a um refúgio localizado em Boa Vista, Roraima. Hilda tem sete filhos.

“Saímos pela situação do país. A gente tinha dinheiro para comprar, mas não encontrava o que comprar. Era muito difícil. Não havia alimento, não tinha água quente, faltava luz todos os dias”, relembra a venezuelana, com lágrimas nos olhos.

Na época em que Hilda partiu, o país vizinho enfrentava graves problemas econômicos e humanitários com a hiperinflação, o desemprego, aumento da pobreza e da fome.

“Sentindo uma dor que parece física, ela desabafa: “Foi muito duro”. No entanto, a opção pelo Brasil não traz arrependimento. Com uma energia impressionante e muita determinação, ela conta alegre sobre a experiência pela qual está passando.

“Para mim é algo novo,

diferente. Porque é uma nova vida que eu, como muitos, estamos tendo aqui no Brasil. É muito gratificante para nós essa nação, porque foi a que teve mais amor, mais empenho, mais receptividade.

Nós podemos constatar isso pelo que falamos com outros venezuelanos que estão em outros países”, conta Hilda.

Com quatro filhos e a mãe idosa ainda na Venezuela, Hilda preocupa-se com a situação da família, mas não pensa em voltar. “Voltar é uma loucura. Minhas filhas dizem para não voltar, tudo fica cada dia mais caro. Há de tudo agora, não como 2015, 2016, 2017 e 2018. Mas, tudo em dólar”, lamenta a venezuelana. Ela conta também que ajuda financeiramente uma das filhas que ficou, pois o salário é insuficiente para comprar itens essenciais.

Como acontece frequentemente com os migrantes, a família de Hilda mudou-se para o Norte brasileiro em busca de melhores condições financeiras. De lá, a venezuelana transferiu-se para São Sebastião, no Distrito Federal. “Quem sai da sua nação a outro país tem que trabalhar. Porque se você não trabalhar nem em seu país, nem em outro, você vai ficar mal. Aqui tem trabalho. Em São Sebastião tem



Quem sai da sua nação a outro país tem que trabalhar. Porque se você não trabalhar nem em seu país, nem em outro, você vai ficar mal!

Hilda Guzmán, venezuelana

bastante trabalho de pedreiro e ajudante de pedreiro”, relata Hilda. Ela conta que o filho nunca havia trabalhado como pedreiro, ele era motorista no país de origem. “No início foi muito duro para ele, mas está ali trabalhando e, com isso, sobrevivendo com a sua família”, conta, orgulhosa.

Com a bagagem cheia de memórias, Hilda gosta muito de contar sobre os costumes de seu país: as comidas bem temperadas, o feijão sem caldo, os trajes brancos de aniversário das crianças e também as

diferentes técnicas de estética e beleza.

Desde que chegou ao Brasil, Hilda busca conseguir certificados brasileiros para atuar na área da beleza. “Já fiz cursos de cabeleireira, sobrancelhas, maquiagem profissional, sistema de informática, me falta fazer o de unhas aqui”, comenta.

“Sou uma mulher empoderada, com sete títulos (no Brasil). Sou agradecida a Deus por isso, porque a verdade é que, com 67 anos, tenho a capacidade de estudar e seguir em frente”, finaliza.

Migrante ≠ Refugiado

A legislação brasileira garante que os dois grupos, que realizam deslocamento internacional, têm direito à educação, saúde e trabalho. Entenda a diferença entre eles abaixo



Migrante

São pessoas que saem de seu país internacionalmente em busca de melhores condições de vida, por fatores econômicos, educacionais, mas podem retornar em segurança ao seu país, se desejarem. O termo também pode ser utilizado para deslocamentos dentro do próprio país.

Refugiado

São pessoas que saem de seus países de origem por medo de perseguição relacionada a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião política, pertencimento a determinado grupo social, e também por grave violação de direitos humanos e violência generalizada no local.

Fonte: Agência da ONU para refugiados

Valério Virago/CB/DA Press

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Brasil **Página:** 6